

RECADO DE PARIS

PARIS, fevereiro — Vésperas de eleições inglesas. Um dos chefes do Partido Trabalhista confessa seu pessimismo a um jornalista francês. A eleição é em uma quinta-feira, e dia não feriado. O trabalhador deixa o serviço às 6 horas da tarde, ainda vai se lavar, mudar de roupa. Se fizer muito mau tempo e ele não for muito entusiasta de política, acabará desistindo de ir votar. Quanto ao eleitorado dos conservadores, é, certamente, em grande parte, mais "folgado".

— "Se chover muito acho que perderemos a eleição".

O jornalista francês pergunta porque o governo não marcou as eleições para o domingo.

— Não, as eleições sempre são em uma quinta-feira. E domingo é, para a Igreja, dia de descanso.

— Mas, e sábado?

— Sábado todo mundo vai ao futebol.

Mas então porque Vs. não decretam feriado a quinta-feira?

— Seríamos acusados de fazer balizar a produção.

• • •

Ora, viva. A França tem andado mal representada na praça Mauá por uns navios velhos e tristes como o "Formose", o "Desirade" e o "Groix". Mas agora vamos ter coisa melhor nas linhas da América do Sul; ainda este mês estará no mar o "Claude Bernard", primeiro de uma série de três navios de 11 mil toneladas. É todo branco, elegante, com apartamentos de luxo, piscina, etc.

• • •

Os homens da Gestapo, que mataram e torturaram franceses, continuam a ser julgados. Acaba de ser condenado à morte o chefe de um trem que, em 1944, transportou 2.521 internados do campo de concentração de Royal-Lieu, em Compiègne para Dachau; o tratamento nos vagões era tão bom e a comida tão abundante que 983 chegaram já mortos... Em Lyon estão sendo julgados alguns outros cavalheiros da Gestapo. Ninguém pode deixar de estremecer quando as testemunhas começam a desfilarem e a depor: histórias horríveis de longas torturas, brutalidades, massacres... Um rapaz sem um braço contou que fora priso pouco depois de ter esse braço amputado, e assim mesmo maltratado. Como não queria entregar seus companheiros da Resistência, forjou uma história falsa, mas só a contou depois de ser espancado e torturado vários dias, quando sentiu que não resistiria mais — pois só assim seus carrascos acreditariam.

Quanto aos réus têm sempre a mesma cara, o mesmo ar. Não se lembram de nada, não reconhecem ninguém, não estavam em tal lugar em tal dia, ou apenas cumpriam ordens. São monstros de cara fria, apalermados e monótonos...

M. 3.50

R. B.